

BRINCADEIRAS COM BONECOS¹ DE PANO NO ENSINO DA MATEMÁTICA INCLUSIVA

JOKES UTILIZING RAG DOLLS IN THE INCLUSIVE MATHEMATICS EDUCATION

JUGAR CON MUÑECAS DE TRAPO EN LA ENSEÑANZA DE LAS MATEMÁTICAS INCLUSIVAS

Edvonete Souza de Alencar
edvonetealencar@ufgd.edu.br

Vanessa Aparecida da Silva Caetano
vanessinhas.silva6@gmail.com

Resumo

Este relato de experiência propõe investigar o uso de bonecos de pano com características de pessoas com deficiência ou não, para representar suas especificidades e diferenças e como estas podem contribuir para o aprimoramento do ensino da Matemática de forma lúdica no Ensino Fundamental. Estes bonecos de pano possibilitam aos alunos a prática do brincar, envolvendo situações cotidianas vivenciadas pelos alunos e suas soluções. Para este trabalho foi selecionada uma classe de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Dourados-MS. Esta escolha justifica-se por ser a etapa de escolarização da Educação Básica que pode reter o aluno e também por apresentar conteúdos que são o ponto de partida para o aprofundamento nos anos posteriores. Além da disciplina de Matemática, foram trabalhados também a Língua Portuguesa, Artes e Ciências, indispensáveis para a aplicação das atividades propostas e auxiliaram na obtenção do resultado desejado, evidenciando assim uma proposta interdisciplinar.

Palavras-chave: Boneco de pano 1. Educação Inclusiva 2. Ensino da Matemática 3.

Abstract

This experience report suggests utilization of rag dolls whose personal characteristics remember disabled person or not, depicting specific items and their differences, beyond showing how those differences contributes to improve Mathematics Education playfully in the Elementary School. Those rag dolls allow students to play, including various daily situations, presented and their solutions. For this work, a 3rd year class of a Municipal School of Dourados (Brazil) was chosen due to that Basic Education period could retain students, presenting contents to enhance knowledge to the following years. Additionally, Portuguese, Arts and Sciences contents were worked, being important to apply proposed activities, giving support to desired results, and showing this work as an interdisciplinary proposal.

Keywords: Rag doll 1. Inclusive Education 2. Mathematics Education 3.

Resumen

Este informe de experiencia propone investigar el uso de muñecas de trapo con características de personas con discapacidad o no, para representar sus especificidades y diferencias y cómo pueden contribuir a la mejora de la enseñanza de las matemáticas de una manera **lúdica** en la escuela primaria. Estas muñecas de tela permiten a los estudiantes jugar, involucrando situaciones cotidianas experimentadas por los estudiantes y sus soluciones. Para este trabajo, se seleccionó una clase de escuela primaria de tercer año de una escuela municipal en Dourados-MS. Esta elección está justificada porque es la etapa de escolarización de la Educación **Básica**

1 Utilizamos durante todo o texto a expressão boneco e/ou bonecos no masculino, para uma padronização linguística, no entanto as atividades foram realizadas com bonecos e/ou bonecas.



la que puede retener al estudiante y también porque presenta contenidos que son el punto de partida para estudios posteriores en años posteriores. Además del tema de Matemáticas, también se trabajó en Lengua, Artes y Ciencias portuguesas, indispensables para la aplicación de las actividades propuestas y ayudaron a obtener el resultado deseado, evidenciando así una propuesta interdisciplinaria.

Palabras clave: Muñeca de trapo 1. Educación inclusiva 2. Enseñanza de las matemáticas 3.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como intuito inicial apresentar uma reflexão sobre a temática do ensino da Matemática com o auxílio de materiais lúdicos como bonecos de pano que, com suas características, podem promover a Educação Inclusiva em uma escola municipal da cidade de Dourados (Mato Grosso do Sul), em uma classe de 3º ano do Ensino Fundamental em que frequentam cerca de 25 alunos com idades entre 9 e 11 anos.

Kamii (2006) em seu livro “A Criança e o Número” revela que existem dois tipos de conhecimento: o físico e o lógico-matemático. Apesar de serem conhecimentos diferentes, os alunos precisam de ambos para a aquisição do aprendizado da Matemática. O conhecimento físico trata da forma física e como a representação de algo que pode ser visto é quantificado, e o conhecimento lógico-matemático é a associação Matemática do mesmo objeto em relação aos conteúdos: “a criança não poderia construir o conhecimento físico se ela não tivesse um sistema de referência lógico-matemático que lhe permitisse relacionar novas observações com um conhecimento já existente.” (KAMII, 2006, p.17-18)

Os métodos de ensino tradicionais trazem quase sempre o aluno com papel de receptor de conhecimento, um sujeito passivo no processo de aprendizagem, sendo a figura central a do professor que detém todo conhecimento, com aulas expositivas, de forma estática e que tem foco principal a teoria, por vezes submetendo os alunos a práticas que fogem da realidade, sendo a teoria importante para o processo de ensinar-aprender-avaliar, mas não sendo o único mecanismo para a sua efetivação.

Este método de ensino é encontrado com frequência nas instituições públicas de ensino, mas com o passar do tempo, muitos teóricos passaram a criticar e defender outros métodos que pudessem melhorar o aprendizado dos alunos e motivá-los.

Através deste questionamento que surge um modelo de construtivismo para a educação, no qual o aluno passa ser o centro de todo o processo de ensino e que detém o conhecimento, mas que precisa ser aperfeiçoado junto com o professor ao qual deverá também despertar seu conhecimento. Este modelo, que foi abordado neste artigo, é utilizado para nortear o estudo. Leão (1999, p.201) destaca que “O professor deve saber que a criança e o adolescente aprendem em interação com o outro, que pode ser o próprio professor ou seus colegas de classe.”

A autora Maria Teresa Egler Mantoan (2003) explica em seu livro “Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?” que uma escola inclusiva propõe uma metodologia que inclua não apenas os alunos deficientes nas atividades cotidianas, mas também àqueles que possuam dificuldades de assimilar os conteúdos:

“a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.” (p.16)



Para trabalhar esta inclusão, nesta pesquisa, foi elaborado um conjunto de atividades (descritas uma a uma posteriormente) na qual pudessem participar, e este conjunto de atividades foi intitulado “Caça ao Tesouro”. Para motivar os alunos, ao final da atividade, foi apresentado um baú que continha bonecos de pano de diferentes tamanhos e cores, com ou sem aspectos de pessoas com deficiência, que também foram utilizados para finalizar o conjunto de atividades. As pistas para se chegar ao baú contemplam o conteúdo básico da Matemática (operações básicas).

O objetivo geral deste artigo é o desenvolver materiais lúdicos, permitindo que os alunos possam obter e aprimorar seu conhecimento matemático. Os objetivos específicos são:

- 1) Fazer com que o aluno perceba que a Matemática não está somente nos livros, na lousa ou dentro da sala de aula;
- 2) Permitir que faça suas descobertas, criar maneiras diferentes de alcançar o resultado e que possa compreender a reversibilidade, saindo a partir do resultado obtido para a questão proposta;
- 3) Desenvolver a curiosidade do aluno, instigar o aluno a questionar sobre o conteúdo da Matemática;
- 4) Apropriar o conhecimento da Matemática pelo aluno, evitando a memorização dos conteúdos sem o real significado, para que no futuro, seu desenvolvimento não seja prejudicado.

Assim, organizamos nossa investigação trazendo elementos teóricos sobre os desafios para o ensino da Educação Matemática Inclusiva e o uso de atividades lúdicas na Alfabetização Matemática. Além disso, apresentamos atividades desenvolvidas com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Dourados.

OS DESAFIOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA

É comum o encontro de rótulos sobre a disciplina da Matemática, tais como (CARVALHO, 2011, p.15): “É uma matéria de difícil compreensão; - Só os mais dedicados aprendem; - Os seus conteúdos são complexos e não aplicáveis.”

Mesmo esta ciência sendo a base de outras (como a Física, Química, Biologia ou até mesmo a Língua Portuguesa, quando se há a necessidade de mensuração de objetos, reconhecimento de quantidades e proporções, por exemplo).

Na realidade, segundo Carvalho (2011) o que acontece é uma generalização tanto por parte das leis que regem a construção dos currículos quanto os métodos e mecanismos utilizados no ambiente institucional que não condizem com a diversidade das culturas encontradas em nosso território, não sendo este uma desculpa para a falta ou escassez de conhecimento adquirido, mas uma notável consequência de seu abandono.

O surgimento da Etnomatemática na década de 70 e com a decadência da Matemática Moderna (de conceitos universais, sem a contextualização do conhecimento trazido dos alunos) mostra que há uma necessidade de mudança e aperfeiçoamento. Embora tenha sido criada já há algum tempo, ainda há resistência e traços claros das práticas até então abordadas pela Matemática Moderna nas instituições de ensino (SOUSA, 2017).

O ideal é evitar grandes generalizações e partindo deste princípio, a prática abordada aqui foi o de pesquisar o conhecimento que os alunos já tinham sobre os conceitos matemáticos apresentados anteriormente pela professora da classe e partir das dificuldades de assimilar tais conteúdos na abordagem das atividades.



TRABALHANDO COM O ENSINO DA MATEMÁTICA NO CONTEXTO DA INCLUSÃO

A construção das atividades foi concentrada na inclusão para que, mesmo que dentro de aula não houvesse um indivíduo com as características da deficiência apresentada através dos bonecos de pano. Assim, os alunos puderam conhecer as especificidades, organizar conceitos para adquirir conhecimento e evitar preconceitos ou dúvidas.

O conceito sobre as etnias também foi colocado de forma sutil, mostrando um pouco das características das principais etnias que formam o povo brasileiro. A explanação destas diferentes etnias e suas classificações traz a conformação de sermos tão diferentes, mas ao mesmo tempo semelhantes nas misturas que nos formam, abrindo precedente para diálogos sobre vivências de racismos dos alunos ou conhecidos fatos, evitando constrangimentos e evitando possíveis agressões futuras (RODRIGUES e AQUINO, 2010).

Munanga (2005) em seu artigo “Superando o racismo na escola”, que foi baseado em um documentário do mesmo autor, aponta diversos relatos sobre o racismo dentro das instituições de ensino. Como ocorrem as dificuldades encontradas pelas vítimas de levarem para os profissionais que atuam nestas entidades tais situações (pois o constrangimento acaba impedindo esta ação ou até mesmo o medo de represálias dos autores depois de receberem as punições), os diálogos por de trás de cada ação, seja ela do autor, da vítima ou do mediador, e ao final é mostrado que apenas as informações fornecidas por meio de conversas e reuniões dentro das escolas que esta prática pode realmente ser banida destas instituições.

O conhecimento e as informações criam ambientes e seres mais fortes, e conhecedores de seus direitos e deveres, sabendo dos seus limites e obrigações dentro das instituições de ensino e na sociedade que o cerca (RODRIGUES e AQUINO, 2010).

Partindo da valorização de cada aluno, foram confeccionados os materiais que visaram o aprofundamento dos conteúdos matemáticos, tais como: sequência e representação numérica, medida e proporção, grandezas, dentre outros. Embora não foi relatada qualquer limitação por parte dos alunos, foram trabalhados os princípios básicos de desenho universal², visando o acompanhamento e conhecimento desta prática por todos os envolvidos.

AS BRINCADEIRAS NOS ANOS DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Friedmann (1996) em seu livro “Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil” mostra que o brincar vai além de um simples gesto rotineiro da criança, sendo considerada uma atividade necessária para a sua formação em todos os aspectos (emocional, cognitivo, físico). A autora traz ainda exemplos de atividades e planos para a sua aplicação e avaliação, contemplando o que cada brincadeira pode explorar em se tratando de conteúdo do currículo escolar, e como deve ser feita a intervenção dos profissionais para que estas atividades sejam realizadas pelas crianças de forma mais espontânea, mas que tenham bases bem fundamentada teoricamente, mostrando que mesmo brincando se pode ensinar de forma mais suave e eficaz.

Os exemplos encontrados neste livro foram importantes para a elaboração das atividades abordadas, pois serviram como um norte para selecionar as atividades corretas que contemplaram as áreas do desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico-motor, senso moral, social e de linguagem dos alunos.

² O Desenho Universal tem por objetivo definir um projeto de produtos e ambientes para ser usado por todos, na sua máxima extensão possível, sem a necessidade de adaptação ou projeto especializado para pessoas com deficiência. É o processo de criar os produtos que são acessíveis para todas as pessoas, independente de suas características pessoais, idade ou habilidades (CAMBIAGHI, 2007).



A autora Tizuko Morchida Kishimoto (2005) com o artigo “Salas de aulas nas escolas infantis e o uso de brinquedos e materiais pedagógicos” aborda que o ambiente em que a criança está inserida contribui para que seu desenvolvimento se faça de maneira planejada ou não por seus tutores daquela instituição de ensino. Ela observa que não se deve apresentar muitos estímulos visuais sem contextualização, as atividades devem ter uma base bem fundamentada e devem ser bem planejadas, assim podendo prever reações diversas por parte das crianças envolvidas. A autora ainda revela que, para evitar frustrações por parte de seus tutores, deve ser levada em consideração a faixa etária das crianças envolvidas, o conhecimento da capacidade de cada uma individualmente e também as suas reações em tarefas que exijam trabalho em equipes, ambientes diferentes e materiais desconhecidos. Neste artigo há também alguns tipos de atividades que podem ser desenvolvidas para a educação básica como também transformadas para os primeiros anos do nível fundamental.

O apelo para que o ambiente esteja direcionado para o aprendizado e as formas de intervenção foram alguns dos pontos considerados importantes neste artigo.

POR QUE TRABALHAR COM BONECOS DE PANO?

Um fato muito inspirador para este estudo é de que a criança pode trazer os conteúdos matemáticos ao seu cotidiano.

A confecção dos bonecos é uma forma lúdica de mostrar que se pode utilizar objetos idênticos aos do corpo humano para o ensino da Matemática. O trabalho pode envolver a lateralidade, as dimensões de grandeza (maior ou menor, pesado ou leve são alguns destes exemplos).

Outro aspecto que pode ser trabalhado são os tons dos tecidos que foram confeccionados nos bonecos e que fazem uma alusão às diferentes cores de peles das mais diversas etnias, bem como os tipos de cabelo, tipo físico, se são deficientes ou não (neste caso trabalhando com as classificações dos tipos de deficiência ou etnias).

Para a confecção dos bonecos foram utilizados os moldes feitos pela artesã Ana Lygia Vieira Schil da Veiga como forma de inspiração, pois foram realizadas alterações para adaptar os bonecos para a 3ª série do Ensino Fundamental da escola municipal, assim como foram utilizadas as instruções contidas no portal Eduk (a autora faz uso deste portal por se tratar de uma assinante e poder fazer o uso dos mesmos, mas ressaltando a não reprodução dos moldes, por não se tratar de sua autoria).

O trabalho de construção destes bonecos levou cerca de três meses pois houve a necessidade de adaptar alguns materiais à idade dos alunos abordados (entre nove e onze anos de idade) tais como miçangas maiores, aumento dos moldes dos bonecos, materiais utilizados nos cabelos (optou-se pelo uso de materiais naturais assim que possível para evitar alergia e/ou danos à saúde dos alunos), como também nos materiais utilizados para a confecção dos corpos dos bonecos (materiais naturais e resistentes que no futuro possam ser lavados para contribuir com a higiene e a saúde) e que simulam a cor da pele das diferentes etnias encontradas em nosso meio. Porém, neste trabalho, foram abordadas apenas as principais etnias e não todas, pois o tornaria economicamente inviável.

As tintas e os materiais de madeira utilizados para retratar as características das pessoas com deficiência motora não soltam resíduos e não são classificados como tóxicos. A madeira utilizada é maciça. Não foram utilizadas resinas ou outros tipos de materiais similares a este.

Depois da criação dos bonecos, foi feita uma apreciação pela professora regente da classe, a coordenadora pedagógica e a diretora para uma avaliação e consulta. Em seguida foi detalhado os dias previstos para cada uma das atividades



1. Atividades realizadas

Para a realização das atividades, foram pesquisadas as que respaldam as práticas educativas dentro da sala de aula.

Foram utilizadas as Leis e Diretrizes Básicas da Educação (LDB/1996) para norteamento legal, assim como a Deliberação/COMED nº 080, de 16/06/2014 (DOURADOS, 2014). Adicionalmente, também foi utilizada a Constituição da República Federativa do Brasil, que rege os direitos e deveres de todos os cidadãos brasileiros ou naturalizados, a qual evidencia que todas as crianças têm o direito à educação, bem como o acesso à cultura a qual está inserida, à saúde e que todos os indivíduos pertencentes à sociedade devem guardar e garantir estes direitos. A omissão, os abusos e todo o tipo de crime que fere tais direitos são passíveis de penas determinadas pelas leis e autoridades que redigem as mesmas (BRASIL, 1988).

Levando em consideração os estudos já mencionados e as legislações organizamos as atividades em três etapas que se complementam ao final: atividades introdutivas, atividades de desenvolvimento e as conclusivas. Dessa forma se construiu uma forma mais eficaz e abrangente para os alunos.

As atividades da introdução foram rápidas e mostram qual o nível de assimilação dos alunos perante os conteúdos matemáticos. Inicialmente, depois da apresentação, foi explicado o que faríamos nos dias das atividades e quais seriam as atividades. Depois da apresentação foi aplicada uma atividade básica de cálculo envolvendo as quatro operações básicas da Matemática (soma, subtração, divisão e multiplicação) em uma folha de sulfite contendo duas operações em cada folha e as atividades eram individuais.

No mesmo dia, a sala foi dividida em quatro equipes diferenciadas pelas cores das fitas entregues. Assim que a divisão foi feita, foi reforçado o conteúdo da divisão com os grupos formados.

Para começar a segunda atividade, foi explicada à classe que seria realizada a atividade denominada Caça ao Tesouro. Foram confeccionados cinco envelopes para cada time da mesma cor das fitas que estavam amarradas em seus braços para designar de qual time era cada um. Os alunos foram agrupados em seus times para ajudar na interação entre eles. Foi explicado que, para responder as questões, os times deveriam levantar a mão e apenas um integrante responder, mas todos os integrantes de um grupo poderiam ajudar na busca pelo resultado.

Foi feito o sorteio das cores para verificar a ordem em que os envelopes seriam abertos com o representante de cada time na frente dos demais alunos. Ao final, foi feito no quadro uma tabela, na qual constou a ordem em que os envelopes seriam abertos, sendo da seguinte forma: Vermelho, Amarelo, Verde e Azul. Cada equipe foi composta por, no máximo, sete integrantes. Sobraram alguns alunos (cerca de dois ou três), mas estes não foram impedidos de participar da atividade.

Dentro dos envelopes constavam problemas matemáticos para serem resolvidos, bem como a construção de origamis com o auxílio da autora deste artigo, ditado estourado e também a criação de figuras a partir do Tangram. Assim que os envelopes eram abertos, os alunos se juntavam em suas equipes para resolver o “enigma”. O primeiro grupo a tentar resolver as atividades tinha apenas uma tentativa para acertar. Se acertassem, ganhava-se um ponto, se não acertassem, os outros quatro times tinham que se levantar rapidamente, expressando assim sua vontade de tentar responder e dar sequência às atividades (trabalhando a sequência com eles e a área social voltada para competição).

No final deste dia a classificação mostrou a equipe Verde como a campeã com nove pontos, a vice-campeã foi a Amarela com seis pontos e a terceira colocação ficaram empatadas as equipes Vermelha e Azul com 5 pontos cada. Esta atividade ocorreu em um período de quatro aulas de 50 minutos cada.

Para encerrar esta atividade, foi feita uma explanação junto com os alunos através de uma roda de conversa para mostrar as dificuldades encontradas bem como as vivências de cada um. Esta reunião ocorreu na última aula daquele dia (50 minutos). Assim terminou a primeira etapa das atividades.

A segunda etapa começou depois dos relatos dos alunos. O que impressionou a professora regente e a estagiária (no caso a autora deste artigo) foi o relato dos campeões quando indagados sobre um possível “prêmio”. Eles disseram que, mesmo com a vitória, todos já se sentiram vencedores por descobrir que a Matemática esteve presente mesmo sem a percepção deles e que foi divertido aprender dessa forma.

Como prêmio, os alunos foram surpreendidos com um “baú do tesouro”, conforme apresentadas nas Figs 1 e 2. Dentro deste baú continha os bonecos de pano de diferentes formas, com tecidos que representavam as cores mais comuns de tons da pele, com aspectos físicos de pessoas com deficiência ou não, de ambos os sexos; ressaltando assim as diferenças.



Figura 1: Bonecos de pano e livros.

Fonte: Autoria própria



Figura 2: Bonecos de pano no baú do tesouro.

Fonte: Autoria própria

Depois do momento de manipular e examinar os bonecos, as crianças foram conduzidas para uma roda de conversa na qual foram expostas as dúvidas sobre os aspectos físicos dos bonecos.

Foram trabalhados os conceitos de localização dos membros e suas quantidades, classificação (maior ou menor), as proporções de cada boneco (se condiz com a realidade se fossem seres humanos) e o peso de cada um. Havia uma cadeira de rodas confeccionada por tubos e conexões de PVC e que comportava uma boneca do gênero feminino de aproximadamente um metro de altura. As crianças puderam sentar nesta cadeira e até mesmo deslizar por alguns centímetros para conhecê-la um pouco mais. Havia um boneco que representava a figura masculina em uma cadeira de rodas menor e que as crianças fizeram uma corrida rápida com a boneca citada anteriormente. Foi mostrado o porquê de a maior ter ganhado esta corrida, e com vantagem, aguçando ainda mais os conceitos matemáticos de direção, peso e espaço (mesmo que explicando sucintamente).

As características físicas de cada boneco chamaram tanta atenção dos alunos que os mesmos desenvolveram brincadeiras que a autora não havia planejado e nem pensado, mas que se tornaram fontes enriquecedoras de conteúdo. Algumas destas brincadeiras foram: representação de um amigo ou parente dando o mesmo nome para o boneco, corrida de cadeira de rodas, escolinha onde os professores eram



os alunos (da classe) e os alunos fictícios eram os bonecos de pano, adivinhar de forma oral; quem era o personagem a partir das características físicas e mímicas para adivinhação. Havia sido planejada a duração desta atividade por apenas uma aula, mas houve a necessidade de se estender para mais duas. E assim se encerrou a segunda etapa.

Na última etapa foram recapitulados os conceitos, mas com as crianças sendo as protagonistas e relatando suas vivências. Foram elas que explanaram oralmente as experiências vividas e como passaram a fazer a apropriação do conhecimento científico e matemático. Além da Matemática foi feita a leitura do livro “Tudo bem em ser diferente”, do autor e ilustrador Todd Parr, o qual firmou a convivência com a diferença não apenas no ambiente escolar, mas também fora dele.

A leitura e interpretação das atividades propostas, a atividade de conhecer a diferença (física) dos bonecos, bem como as conversas feitas para mostrar a convivência com pessoas com deficiência ou alguma limitação se tornaram importantes para este trabalho, mostrando que a interdisciplinaridade pode e deve ser trabalhada na classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi enriquecedor, mostrando como as rotinas nas classes prejudicam a aquisição de conhecimentos, que deve evitar generalizações e trabalhar de acordo com as necessidades encontradas no ambiente.

Os conceitos fazem parte do aprendizado, mas a cultura a qual o ambiente está inserido é também muito importante para a sua aquisição. O caminho para se chegar numa instituição de ensino que seja realmente inclusiva está sendo criado a partir da mudança de práticas

Embora o tempo para a aplicação das atividades foi pequeno e a classe abordada passava por um momento conturbado (pois estava voltando de uma greve por questões administrativas municipais) e seu calendário encontrava-se escasso de tempo, as atividades aplicadas foram satisfatórias para a autora.

Para o futuro, estas atividades deveriam ser aplicadas em outras turmas e escolas por tratar de assuntos relevantes e que fazem parte do cotidiano dos alunos, contribuindo para a formação cidadã.

Uma visão de um profissional que ainda está dentro da academia é de que a formação não se acaba com a conclusão de um curso de graduação, ou de pós-graduação. Um profissional interessado em atuar na área da educação deve sempre adquirir novos conhecimentos, mesmo que estes não apareçam em seu currículo. Estes conhecimentos podem ser sentidos em suas práticas pedagógicas, tendo como resultado alunos mais estimulados para aprender e a seguir aprofundando seus conhecimentos nas diversas áreas acadêmicas, além disso para que sejam reflexivos, críticos e íntegros em suas ações cotidianas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília-DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016, 496 p.

CAMBIAGHI, S. S. **Desenho Universal - métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. São Paulo-SP: SENAC São Paulo, 2007.



CARVALHO, D. L. **Metodologia do ensino de Matemática**. 4. ed., São Paulo-SP: Cortez Editora, 2011.

DOURADOS. Deliberação/COMED nº 080, de 16 de Junho de 2014. **Dispõe sobre a Organização e o Funcionamento da Educação Básica nas etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental, no Sistema Municipal de Ensino de Dourados e dá outras providências**. Diário Oficial, Dourados - MS, ano XVI, n. 3833, p. 5-11, 2014. Disponível em: <<http://do.dourados.ms.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/16-10-2014.pdf>>. Acesso em: 7 jan 2019.

FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo-SP: Moderna, 2002.

KAMII, C. **Criança e o Número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos**. 34. ed., Campinas-SP: Papirus, 2006.

KISHIMOTO, T. M. **Salas de aulas nas escolas infantis e o uso de brinquedos e materiais pedagógicos**. In: ANPED, 23., 2000, Caxambu-MG. Anais..., 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/0722t.pdf>>. Acesso em: 15 dez 2018.

LEÃO, D. M. M. **Paradigmas Contemporâneos de Educação: escola tradicional e escola construtivista**. Cadernos de Pesquisa, n. 107, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>>. Acesso em: 14 dez 2018.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo-SP: Moderna, 2003.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. 2. ed., Brasília-DF: Edições MEC/BID/UNESCO. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/06/superando-o-racismo-na-escola.pdf>. Acesso em: 14 dez 2018.

PARR, T. **Tudo bem ser diferente**. São Paulo-SP: Panda Books, 2009.

RODRIGUES, P. R. S.; AQUINO, M. A. **A (in)visibilidade da pessoa negra na literatura infantil: (im) possibilidades de afirmação da identidade afrodescendente na escola**. Cadernos Imbondeiro, João Pessoa-PB: v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/viewFile/13492/7651>>. Acesso em: 17 dez 2018.

SOUSA, O. S. **Uni, duni, tê, um currículo colorê, escolhido por você: um ensaio sobre experiências da educação básica, inspiradas no programa etnomatemática**. Revista da ABPN, v. 9, n. 22, p. 303-311, Mar-Jun 2017. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/409>>. Acesso em: 24 nov 2018.

VEIGA, A. L. V. S. [Nina]. **Bonecos de inspiração Waldorf**. Portal EDUK. Disponível em: <<http://www.ninaveiga.com.br/site/filosofiatexto.htm>>. Acesso em: 07 jan 2019.

VEIGA, A. L. V. S. [Nina]. **Bonecas educativas Waldorf**. Portal EDUK. Disponível em: <https://www.eduk.com.br/cursos/9-artisanato/1423-bonecas-educativas-waldorf>. Acesso em: 07 jan 2019.